

A BOEMIA DO BAIRRO SANTA TEREZA EM BELO HORIZONTE

Maria Letícia Silva Ticle
Escola de Arquitetura / Universidade Federal de Minas Gerais
leticiaticle@gmail.com

RESUMO

Este artigo é uma versão simplificada e resumida de um dos capítulos da dissertação de mestrado da autora. Propõe uma genealogia da boemia do bairro Santa Tereza em Belo Horizonte, apresentando também uma breve revisão bibliográfica da própria noção de boemia como polissêmica e definindo de que forma ela é utilizada quando associada ao bairro atualmente. A pesquisa foi iniciada considerando que *boêmio* é uma característica constantemente atribuída ao bairro no discurso popular, midiático e governamental. O estabelecimento do tipo bar foi tomado como espaço principal de suporte dessa cultura urbana que é a boemia em Santa Tereza hoje, considerando o grande número de estabelecimentos que funcionam atualmente no bairro, cerca de sessenta. Entre eles estão bares, restaurantes, botequins, armazéns e mercearias, todos aqui denominados bares por escolha da autora, visando a fluidez de leitura do texto. A metodologia de pesquisa utilizada incluiu pesquisa bibliográfica acerca da boemia, da história do bar e da história de Belo Horizonte e de Santa Tereza sucintamente apontadas no artigo; pesquisa documental em fontes escritas, como matérias de jornais, revistas e estudos acadêmicos e informais sobre o bairro, devotando maior atenção às fontes que tratassem de sua vida boêmia; observação ativa da vida urbana do bairro e produção de fontes a partir de entrevistas temáticas com moradores, proprietários e frequentadores de bares. No que diz respeito às entrevistas, foi incorporado ao trabalho o tema da memória, resguardando todo o cuidado metodológico e afastamento necessários quando se está comprometida em um ofício que envolve pessoas, afetividade e cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Santa Tereza; Boemia; Bar.

SANTA TEREZA BOHEMIAN NEIGHBORHOOD IN BELO HORIZONTE

ABSTRACT

This article is a simplified version and summary of one of the chapters of the author's master's thesis. Proposes a genealogy of the bohemian Santa Teresa neighborhood in Belo Horizonte, including a brief literature review of the very notion of bohemian as a polysemic notion and defining how it is used when associated with the current quarter. The research was initiated considering bohemian is a feature constantly assigned to the district in the popular media and government discourse. The type of institute known as bar was taken as the main place of support of this urban culture, bohemian, in Santa Teresa today, considering the large number of establishments currently operating in the district, about sixty. These include bars, restaurants, taverns, stores and grocery stores, all of them here called bars by the author, who aimed the fluidity of reading concerning the. The research methodology included literature about bohemian, the history of the bar and the history of Belo Horizonte and Santa Tereza succinctly pointed out in the article; documentary research in written sources, such as articles in newspapers, magazines and academic and informal studies on the neighborhood, devoting more attention to the sources that addressed his bohemian life; active observation of the urban life of the neighborhood and sources production from thematic interviews with residents, owners and patrons of bars. With regard to the interviews, it was built to work the theme of memory, protecting the whole methodological care and removal necessary when you are engaged in a craft that involves people, affectivity and city.

KEY-WORDS: Santa Tereza. Bohemian. Bar.

INTRODUÇÃO

Propor um estudo que tivesse a boemia como foco pareceu, num primeiro momento, excitante e desafiador. Quando do contato com as referências acerca do tema se iniciaram, o desafio cresceu e se mostrou ainda mais cheio de facetas do que se poderia imaginar. O termo é tão polissêmico quanto as práticas a ele associadas ao longo da história ocidental recente. A bem da verdade, ele é fruto dessa diversidade de práticas consideradas boêmias.

Para explorar a boemia do bairro Santa Tereza, em Belo Horizonte, tema da pesquisa de mestrado que serviu de base para a produção deste artigo, foi necessário que se fizessem escolhas, pois não era possível explorar, ao mesmo tempo, os personagens da boemia, suas práticas de sociabilidade, historicidade, lugares de prática, as próprias práticas e tantas outras possibilidades colocadas. Entretanto, aquilo que verdadeiramente despertou o interesse para que o trabalho fosse realizado, se mostrou como a chave para seu desenvolvimento: a boemia enquanto uma imagem constantemente evocada do bairro e enquanto cultura urbana que se dá em determinados espaços no contexto do bairro; espaços esses que funcionam como expressão e, ao mesmo tempo, apropriação dessa imagem boêmia.

Os objetivos foram compreender como a noção de boemia é utilizada quando se fala de Santa Tereza como bairro boêmio na cidade de Belo Horizonte no momento de produção da pesquisa. Por meio de investigação documental e produção de fontes a partir de entrevistas temáticas, buscou-se fazer uma genealogia da boemia no bairro e assimilá-la enquanto cultura urbana. Santa Tereza é um bairro que abriga uma grande quantidade de bares, o que serve de mote para sua representação boêmia atual. O bar foi tomado como espaço principal de suporte dessa cultura urbana que é a boemia em Santa Tereza hoje.

O trabalho com a memória dos entrevistados exigiu sensibilidade e atenção. As idealizações do passado e sentimentos nostálgicos originadas da relação afetiva entre pessoas e espaço urbano são fatores que devem ser considerados e explorados na medida do distanciamento que a posição de pesquisadora exige. Medida complexa e incerta, mas que se atina com justeza quando se imerge no tema com o cuidado que o ofício com pessoas e cidades reivindica.

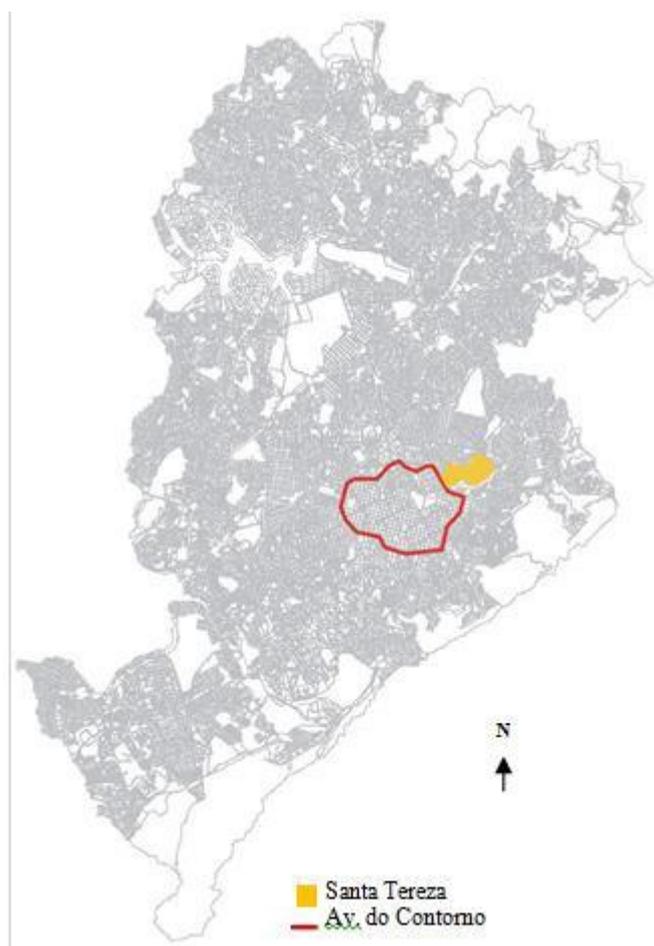


Figura 1- Bairro Santa Tereza em Belo Horizonte. Dossiê para Proteção do Conjunto Urbano Bairro Santa Tereza, 2015.

BOEMIA, UMA NOÇÃO POLISSÊMICA

É importante que fique claro qual o sentido de boemia quando essa noção é utilizada ao se referir ao bairro Santa Tereza neste artigo. Polissêmica, a palavra boemia admite diferentes interpretações e vem sendo empregada em contextos variados, tanto temporais quanto espaciais. Da origem da palavra à utilização atual no contexto do bairro, o que se mantém desde sua primeira aceção e o que foi incorporado relativamente às práticas posteriores até as contemporâneas?

A boemia é aqui entendida como uma noção que habita o imaginário coletivo belorizontino, forjada a partir de representações diversas examinadas a seguir; e como prática urbana do bairro Santa Tereza, que tem como espaço atual (entre meados da década de 1990 e o ano de 2016) principalmente os bares do bairro. A boemia está no plano da experiência, envolta em sentimentos, comportamentos e valores a partir dos quais é possível caracterizá-la como prática cultural típica das cidades.

Dicionários da língua portuguesa publicados nas décadas desde os anos 1950 (CARVALHO, 1957; FERREIRA, 1986; HOUAISS e VILLAR, 2001; CUNHA, 2010) apresentam aceções similares do termo boemia. Dentre elas, termos que são mais recorrentes, como vadiagem, vida airada, relativo ou natural da região da Boêmia, cigano, descuidado de si. Outras expressões utilizadas são roda de intelectuais, artistas, vida de modo hedonista, livre. Há ainda associação do termo a práticas noturnas e em grupo e ao consumo de bebidas alcoólicas.

A origem dos significados da palavra boemia, ou boêmia¹, trazidos acima, é derivada dos significados do termo francês *bohème* ou *bohémien*, que, inicialmente, se referem aos habitantes da Boêmia, região situada na Europa Central. As primeiras referências escritas à Boêmia como um estilo de vida datam do século XIX, na França. No entanto,

(...) há elementos universais e eternos na boemia, mas como fenômeno social definido e reconhecido ele pertence à era moderna: o mundo moldado pela Revolução Francesa e pelo crescimento da indústria moderna." (SEIGEL, 1992: p.13)

Jerrold Seigel fala das dificuldades em estabelecer os limites físicos dessa região e explora as imagens por ela evocadas para além de seu território, como a associação aos ciganos, aos jovens artistas, àquelas pessoas sem residência ou trabalho fixo, de cotidiano incerto, gênios ou vigaristas, frequentadores da noite, um microcosmo de talentos, segundo Honoré de Balzac – os *bohémiens*². Sem nunca ter sido uma condição social ou cultural objetiva, a prática da boemia aproxima-se da condição geográfica e social da Boêmia, região que passou por tentativas de definição não a partir dela mesma, mas daqueles que a experimentaram. Suas imagens foram exportadas mundo afora – para Paris, inicialmente – e os elementos evocados por elas ainda hoje são aqueles que permitem uma tentativa de definição da ideia da prática urbana da boemia. Como a intensa vida noturna, a produção artística e intelectual, o nomadismo, a vadiagem relacionada à falta de trabalho, ou aos momentos de folga, o consumo de bebidas alcoólicas e a sociabilidade dos e entre os indivíduos que a praticam.

O trecho de Seigel é transcrito a seguir na tentativa de demonstrar que além da boemia não ter sido limitada às fronteiras físicas da região da Boêmia, tampouco pôde ou pode ser descrita por termos específicos, por tipos humanos determinados ou reunidos em grupos fechados. A boemia é uma prática percebida, nem sempre pelo sujeito da ação, mas muitas vezes atribuída pelo olhar do outro.

Não há ação ou gesto capaz de ser identificado como boêmio que não possa também ter sido – ou não ter sido – realizado fora da Boêmia. Roupas extravagantes, cabelos longos, viver o momento, não ter residência fixa, liberdade sexual, entusiasmos políticos radicais, bebida, ingestão de drogas, padrões irregulares de trabalho, hábito de vida noturna – todos eram boêmios ou não, segundo a forma como eram encarados ou assumidos, boêmios em alguns momentos e não boêmios em outros. Os sinais externos na Boêmia eram importantes, mas nunca foram suficientes para a delimitação de suas fronteiras. (SEIGEL, 1992: p. 20)

Diversos sujeitos, de diferentes origens sociais, idades e aspirações, dividem o mesmo espaço urbano na prática da boemia no contexto atual. No entanto, a vida boêmia foi hostilizada e mal vista quando da ascensão da classe burguesa na Paris do século XIX. Enquanto o burguês era visto como o sujeito de vida segura, que se mantinha por meio de um trabalho regular e tradicional e, aparentemente, não possuía dívidas, a representação do ser boêmio ligava-o às artes, a não possuir trabalho regular e passar as noites em animadas conversas e acalorados debates políticos nos cafés da cidade.

A boemia é um fenômeno e uma prática social pertencente à modernidade, como afirma Jerrold Seigel (1992). Estabeleceu-se como um estilo de vida urbano vinculado a uma prática social noturna, intelectual e artística, que valorizava o sentimento e a diversão, em contraponto à racionalidade republicana; estilo de vida possibilitado pela modernidade, ainda que resistente às imagens que se pretendiam associar a ela.

Maria Izilda de Matos (1998) traz uma noção ampliada dos tipos boêmios e, portanto, da boemia ao colocar uma diversidade maior de sujeitos como aqueles que a viveram e vivem, para além de intelectuais românticos, artistas e os afeitos às discussões políticas. Tipos de diversas classes sociais, idades e aspirações seriam aqueles que viviam a boemia

1 Por opção, será utilizada neste trabalho a grafia boemia, não acentuada, por ser a forma privilegiada de uso entre os falantes de minha convivência.

2 A palavra francesa *bohémien* se referia ao termo “cigano” por identificar, erroneamente, a província da Boêmia como local de origem dos ciganos, grupo associado ao estilo de vida descrito – sem residência fixa, composto por artistas, vadios, sonhadores. (SEIGEL, 1992)

na primeira metade do século XX, alguns “autorizados” a tal prática e outros estigmatizados no imaginário social da época ambos buscando escapes do cotidiano social diurno.

Molar e Saad (2012) nos lembram ainda que

A boêmia, seja como noção e/ou prática, não deve ser concebida, ou melhor, reduzida ao âmbito de resistência da modernidade ou aos imperativos desta, pois, desembocar-se-ia a um reducionismo político de uma arte de viver em gozos e nas camaradagens das noites perdidas e ganhas. Boêmia para além de abstrações teóricas é um jeito vivido, expresso nas delongas de umas bebedeiras, das prosas, das cantigas e canções – a constituição de um universo paralelo distinto e que, em alguns momentos, conjuga-se à turbulenta modernidade dos dias de trabalho. (MOLAR; SAAD, 2012: p. 129.)

A boêmia pode estar, portanto, vinculada ao ambiente do bar de hoje e de outrora, este como espaço de se pensar a cidade e, acima de tudo, de sociabilidade do cotidiano daqueles que a vivem. De maneira generalizada, boêmia e bar foram colocados, lado a lado, em contraposição ao cotidiano diurno das normas sociais e, principalmente, do trabalho. Como dito na introdução do artigo a boêmia de Santa Tereza é compreendida aqui como prática urbana que se dá, atualmente, em seus bares. Contudo, foi possível traçar uma história, uma leitura dessa noção quando utilizada em referência ao bairro.

GENEALOGIA DA BOÊMIA EM SANTA TEREZA

Contemplando as acepções mais tradicionais ou clássicas do que vem a ser boêmia, quais sejam as primeiras, que fazem referência aos indivíduos marginais socialmente, artistas e conspiradores da Paris *bohémien* do século XIX, não diríamos que o bairro Santa Tereza possui tradição boêmia. A jornalista Eliza Peixoto³, por exemplo, não percebe o bairro como boêmio e diz que esse discurso sobre a boêmia não passa apenas disso, de uma expressão construída e retroalimentada pela mídia, incorporada e repetida pela comunidade:

Eu acho que não existe isso [a boêmia]. Ter bar não significa que é boêmia, não. Pra mim boêmia significa o que? Tá, não sei se eu to correta, não. Pra mim significa, é (...) eu acho que é boêmia, quando tem uma música, o pessoal vai lá pra ouvir música, cantar e tal. A maioria dos bares aqui não tem música se você for olhar. (...) Boêmia pra mim me lembra isso, entendeu? Alguém com violão na mão. Tem alguns pontos, mas ele não é totalmente boêmio [o bairro]. (Eliza, entrevista)

Apesar de não considerar o bairro boêmio quando questionada quanto a isso, Eliza rapidamente associa essa denominação à grande quantidade de bares, ainda que ao negar essa relação. No entanto, a noção de boêmia é múltipla e cabem nela variadas interpretações e até mesmo representações. Comum a praticamente todas elas é o papel central da noite, da vida noturna fora de casa, na rua e em locais específicos de envolvimento social e de lazer, além da musicalidade. Comum ainda é a alusão ao consumo de bebidas alcoólicas como parte desses momentos noturnos de sociabilidade e diversão. Temos, portanto, elementos que estão presentes no cotidiano de Santa Tereza – vida noturna movimentada com consumo de bebidas alcoólicas e certa musicalidade.

No bairro, esses elementos estão conjugados nos mais de sessenta estabelecimentos que hoje estão em funcionamento e são abertos aos fregueses diariamente⁴. Consideramos que eles são, no momento histórico de realização desta pesquisa, o suporte do discurso e da imagem boêmia do bairro, que eles são, hoje, o suporte da boêmia como cultura urbana e tradição de Santa Tereza. Mas nem sempre foi dessa forma.

A boêmia é, indiscutivelmente, um dos elementos do tripé formado pelas três características tidas como essenciais do bairro Santa Tereza, uma de suas três particularidades mais marcantes e reforçadas, ao lado de tradicional e cultural. Já foi citada por Marilton Borges, e integra esse *ar* de Santa Tereza que, Segundo Luis Góes⁵:

(...) é um bairro que tem muitos botequins, bares, restaurantes, casas de shows e até serestas. Esta tradição é bem antiga e vem do tempo em que a região ainda era habitada pelos colonos estrangeiros e brasileiros que aqui viveram. Na ex-colônia Américo Werneck, que foi o princípio da formação do bairro, no final do século passado e princípio deste [séculos XIX e XX], existiram botequins que serviam a comunidade mas não podiam vender bebidas alcoólicas, pelo regulamento vigente na colônia. Depois vieram os pequenos comércios, na década de 1910, quando a região ainda não tinha ruas mas apenas estreitos caminhos e “picadas” no mato. (GÓES, 19--: p. 75)

Apesar de afirmar que a tradição de bares e restaurantes é bem antiga em Santa Tereza, desde os tempos da colônia agrícola, devemos ter cautela ao reproduzir o discurso de que a imagem de boêmia no bairro existe desde seus primórdios. A pesquisa documental demonstrou que o epíteto de bairro boêmio começou a ser difundido na década de 1970 nos jornais em circulação na cidade e não estava relacionado diretamente aos bares, mas antes à seresta.

Em entrevista posterior à publicação do trecho acima, o próprio Luís Góes discorre sobre a “alunha de bairro boêmio” que leva Santa Tereza e não atribui seu uso, inicialmente, aos bares, botecos, botequins e restaurantes. É pertinente que

³ Eliza Peixoto, jornalista, moradora do bairro Santa Tereza há 11 anos, criadora e responsável pelo Portal Santa Tereza Tem e integrante do movimento Salve Santa Tereza. Entrevista concedida em novembro de 2014.

⁴ Nem todos os bares funcionam diariamente, cada um tem seu horário específico. Mas em todos os dias da semana é possível encontrar estabelecimentos funcionando no período da noite.

⁵ Luís Góes, jornalista, morador do bairro Santa Tereza desde 1946, autor de diversas publicações independentes sobre o bairro. Entrevista concedida em fevereiro de 2016.

apresentemos o relato de Goés acerca da origem da boemia em Santa Tereza, em consonância também com as fontes escritas para delinear uma genealogia da boemia do bairro.

Considerando a musicalidade como elemento da boemia, podemos regressar ao ano de 1922, quando da fundação da Banda do 5º Batalhão da Força Pública pelo Maestro Elviro Nascimento⁶, antes mesmo de o Batalhão se instalar no bairro Santa Tereza, em 1924. A corporação musical se firmou e realizava retretas públicas⁷ e concertos em frente ao edifício do Batalhão e, posteriormente, no coreto da Praça Duque de Caxias, inaugurada em 1937. Segundo João Pinheiro, o Barbarella, em entrevista a Maria da Guiomar da Cunha Frota em 1990, as retretas atraíam os moradores do bairro e eram momentos de lazer e diversão fora dos limites dos lares. Barbarella, já falecido, foi uma personalidade do bairro, proprietário de bares e casas noturnas.

Para Luís Góes, a origem do que seria chamado de boemia do bairro está ligada ao surgimento dos times de futebol e às sedes sociais dos clubes. Ele explica:

A coisa tem uma origem assim um pouco mais comprida, mais... maior. Quando o Quartel do 5º Batalhão veio pra cá em 1924, era aqui, né? E os outros batalhões todos... uma das formas de exercício era através do esporte. Então eles também criaram sua equipe de futebol. Ai tinham os outros batalhões que disputavam entre si, aquele negócio todo. Que que aconteceu? A partir de então a comunidade começou a criar também equipes de futebol. (...) era muito importante que essas equipes tivessem uma sede e nessa sede aconteciam as festividades sociais, né? Começa a ter bailes, comemorações, festividades, rainha disso, rainha daquilo, aniversário do clube, como eu participei de tantos. Então que que aconteceu? Os outros clubes... os outros times de futebol criaram clubes, criaram também suas sedes, né? (...) Isso foi uma época. Década de 40. 30, 40, 50, né... (Luís Góes, entrevista)

A dimensão social dos clubes esportivos se tornou tão proeminente que outros tipos de clubes também fora surgindo no bairro. Barbarella “o mais tradicional, que fez mais sucesso na época (...) o Clube dos 50. Promovia bailes.” Quando questionado sobre o nome do clube, respondeu: “Porque foram 50 sócios, organizaram os 50 e fundaram o clube”. (FROTA, 1990, p. 4 e 5) Luís Góes também menciona o Clube dos 50 em uma de suas publicações e na entrevista. Nenhum dos dois fala sobre a data de fundação do Clube, mas uma das imagens da publicação de Góes retrata um baile na década de 1960. (GÓES, 1998). Este foi fundado essencialmente como um clube social, voltado para a organização e promoção de festividades e bailes dançantes.

Em entrevista, o jornalista cita o Clube em meio ao relato sobre outro período marcante da noite no bairro, o da seresta:

O meu irmão José Góes, fotógrafo, que faleceu ano passado, ele era muito, gostava muito dessas coisas, muito empreendedor. Ele criou ali, no Clube dos 50, o Sobradão da Seresta, a partir de 1970. Ai que essa alcunha de boêmio veio por causa disso, por causa da seresta... Se você olhar os jornais de época você vai ver isso lá. Então a partir dessa divulgação, o bairro começou a tomar essa conotação... de seresteiro, de boemia, por causa dele. (...) Ele vendeu lá e criou do lado de cá, ó [na outra esquina, mesmo quarteirão] (...) Ali era o Recanto e aqui era Sobradão, um negócio assim, não me lembro o nome. E ele continuou no mesmo esquema (...) Isso a partir da década de 70, durou 10, 12 anos esse período, mas isso marcou muito. E talvez essa alcunha, essa referência tenha ficado por esse motivo. Eu acredito que sim. (...) Então eu acho que essa alcunha é isso. E o que que levou o bairro a manter esse, essa... alcunha, essa referência como seresta, como bairro da boemia? Por causa, simplesmente, do bairro, da maneira que o bairro é. Muitas casas antigas, muitas famílias antigas, tradicionais, né? (...) Então assim... esse, essa alcunha, essa maneira vem por esse motivo. Mas se você procurar isso hoje, você não vai encontrar. Hoje, no momento. Você não vai encontrar nenhuma casa de seresta, você não vai encontrar... (Luís Góes, entrevista)

Cacá Fortini também dá seu testemunho sobre a seresta a partir da década de 1970 e sobre a denominação de bairro boêmio em função desse período. “Eles falam que Santa Tereza é um bairro boêmio porque antigamente tinha o Sobradão da Seresta, o Solar da Seresta que era um do lado do outro. Porque o pessoal vinha pra dançar”. (Cacá Fortini, entrevista)

Góes relaciona boêmio e tradicional, ao mencionar que as características que denotam o tradicionalismo do bairro são favoráveis à manutenção da boemia, como as casas antigas, as relações de vizinhança, o modo de vida interiorano. No cruzamento entre as fontes orais – entrevistas – e escritas – jornais – podemos reafirmar que a alcunha de bairro boêmio começa a ser difundida a partir da década de 1970, quase sempre relacionada ao tradicionalismo.

Assim como a Savassi [outro bairro de Belo Horizonte] se caracterizou na noite belo-horizontina como o reduto de boates e barzinhos sofisticados, Santa Teresa está se transformando no doce refúgio dos seresteiros. (...) No coreto no meio da praça, as luzes servem de chamarisco para os insetos e vagalumes e também para os notívagos e boêmios que se ajuntam perto dele para o início de uma seresta. (...) Estamos em Santa Teresa, não uma cidade [do interior] com este nome, mas no bairro de Santa Teresa, bem dentro de Belo Horizonte e que, hoje, pode se considerar, sem nenhuma modéstia, como a capital da seresta em Beagá. (Estado de Minas, 29/07/1976)⁸

Aqui e ali, os pontos que se formaram, atraindo a boemia sadia, os políticos, intelectuais em busca das serestas, que tal como no interior, em Diamantina, por exemplo, surgem espontâneas e límpidas, nos

⁶ Revista Militar do 5º Batalhão da Força Pública Mineira, 1932. Acervo pessoal de Maria Guiomar da Frota Cunha, cópia do APM, notação não especificada na cópia.

⁷ Espécie de desfile militar acompanhado de música.

⁸ Estado de Minas, 29/07/1976

velhos sobradões e salões, mas também nas esquinas e sob as janelas. A seresta serviu de elemento musical para perenizar a tradição (...) (Diário da Tarde, 27 de julho de 1971)⁹

Considerando os relatos de Luís Góes e Cacá Fortini, o prestígio da seresta em Santa Tereza começou a declinar em meados da década de 1980, quando as duas principais casas do gênero no bairro fecharam.



Figura 2- Edificação onde funcionou o Sobradão da Seresta nas décadas de 1970 e 1980. Acervo pessoa, 2015.

Mas e os bares dos quais foram falados e que hoje consideramos o lastro para a manutenção do discurso de que Santa Tereza é um bairro boêmio? Dizer que a existência dos bares se iniciou com o fim as serestas seria reduzir e ignorar a história do bairro. Mesmo porque o Sobradão da Seresta e o Recanto da Seresta eram bares de música, que ficaram conhecidos e se tornaram ícones da noite de Santa Tereza pela música característica – a seresta. Mas, ainda assim, não deixavam de ser bares.

Eles já existiam concomitantemente aos clubes e às serestas, e mesmo antes dessas¹⁰. Designar o período mais marcante de cada uma dessas manifestações boêmias no bairro foi uma opção metodológica baseada nas fontes. A partir de meados da década de 1990, houve um recrudescimento da quantidade desses tipos de estabelecimentos instalados no bairro. São bares, botecos, botequins, restaurantes, armazéns e mercearias, que no âmbito da pesquisa e do artigo convençamos chamar apenas de bar para facilitar a fluidez da escrita e da leitura do texto. São estabelecimentos que funcionam à noite, vendendo bebidas alcoólicas e petiscos e reunindo pessoas em torno de mesas e balcões para momentos de encontro e descontração. São espaços de sociabilidade e lazer noturnos, os lugares dessa prática social, dessa cultura urbana denominada aqui como boemia.

O BAR

Espaço de sociabilidade que funciona como signo da capital mineira e do bairro Santa Tereza, o bar tem sua origem ainda na Antiguidade Ocidental, segundo Rodrigo de Almeida Ferreira (2000)¹¹. O autor faz uma espécie de cronologia apoiando-se no conceito de sociabilidade para apresentar ao leitor uma espécie de pequena história do bar. Começando com as celebrações do Mundo Antigo, que não necessariamente aconteciam em espaços destinados exclusivamente a esses momentos de interação social, passando pelos cafés modernos de Paris, de cujo modelo houve tentativas de reprodução no Brasil, até chegar aos bares nos moldes como conhecemos hoje.

Já Zé Otávio Sebadelhe (2015) apresenta a origem do botequim na cidade do Rio de Janeiro. Segundo o autor, a gênese do botequim vem das antigas farmácias e boticas do século XVIII, que funcionavam como ponto de encontro para conversas e jogos; das estalagens, vendas e pequenos armazéns de secos e molhados; dos mercados e do comércio praticado pelos escravos de ganho em princípios do século XIX, com as modernizações advindas da chegada da Família Real Portuguesa à colônia.

Também em Belo Horizonte os bares são marcantes e estão presentes desde o início da história da capital mineira. A publicação *Belo Horizonte & o comércio: 100 anos de história* fala dos armazéns como ponto de encontro ainda no período

⁹ Diário da Tarde, 27/07/1971

¹⁰ Dois exemplos: bar e restaurante Bolão, o Rei do Espaguete, inaugurado em 1961; o Bar Bocaiúva em funcionamento desde 1976.

¹¹ A trajetória histórica traçada por Ferreira, apesar de sucinta, é resultado de pesquisa em obras e autores de referência e se mostrou bastante elucidativa para a presente pesquisa. Além disso, em função do espaço e temas específicos da dissertação, foi considerada suficiente como referência para esta curta elucidação acerca da história do bar na sociedade ocidental.

de construção de Belo Horizonte. Esses lugares que “vendiam de tudo”, se transformavam ao final do expediente em lugar de relaxamento e lazer. A Rua da Bahia foi o ponto de diversos cafés e bares, como disserta Anny Jackeline Torre da Silveira em dissertação dedicada aos cafés da cidade até a década de 1930.

BARES DE BELO HORIZONTE

*Segundo o dicionário da língua portuguesa: **Boteco (buteco)** ou **botequim** são termos oriundos do português de Portugal botica, e do espanhol da Espanha bodega, que, por sua vez, derivam do grego apothéke, que significa depósito, casa de bebidas ou loja em que se vendiam gêneros a retalho. (MELLO; SEBADELHE, 2015: p. 57. grifos do autor)*

Para Regina Helena Alves Silva (2007) os “butecos” de Belo Horizonte nada têm a ver com os botequins cariocas, que geralmente servem chope e tira-gostos “com a cara do botequim”, ou os bares paulistas, com mesas de design, cadeiras autorais, bebidas multicoloridas e petiscos internacionais. Na tentativa de definir o que seriam os botecos (para ela, “butecos”, com U) de Belo Horizonte, cidade conhecida como “capital do barzinho” desde meados da década de 1970 e Capital Mundial dos Botecos desde 2009¹², a historiadora afirma que eles são lugares de encontro, conversas, comida e bebida. Lugares de sociabilidade em uma cidade que, por nascer planejada e com espaços públicos pretensamente pré-definidos para determinados usos, inspirou na população a necessidade de forjar outros espaços para estar em conjunto, se encontrar.

Os bares em Belo Horizonte são lugares de tomar cerveja gelada e comer petiscos que remontam às fazendas mineiras – a fazenda na própria origem da capital mineira. Frango, carne de sol, mandioca, farinhas, pimentas. Lugares de sentar-se à mesa de madeira ou latão (alguns mais antigos ainda conservam os balcões) com amigos, colegas de trabalho, com a família ou algum desconhecido que faz as vezes de amigo enquanto a companhia não chega. Mas os botecos de Belo Horizonte são por ela caracterizados enfaticamente como espaços públicos no sentido de serem democráticos, de agregarem pessoas com suas diferenças sociais, culturais e ideológicas; espaços da diversidade e de práticas culturais incorporadas às práticas cotidianas de seus moradores.

O Buteco (sic) é o espaço que evoca nossas formas de viver. (...) No caso de Belo Horizonte, ele é constituído e constituidor de uma ambiência urbana onde identificamos territórios flexíveis, lugares que se entrecruzam, interação e criam circuitos comunicativos. (SILVA, 2007: s/p In AUTÊNTICA, 2007).

Isto posto, o bar em Belo Horizonte não se define por suas características físicas, a qualidade do chope ou a proveniência dos tira-gostos, mas, acima de tudo, como lugar do encontro e da sociabilidade.

BARES DE SANTA TEREZA

Os bares de Santa Tereza também podem ser interpretados como expressão de suas tradições, de sua cultura e, acima de tudo, de práticas boêmias, da sociabilidade e do encontro. São considerados aqui, como esclarecido anteriormente, como espaços primordiais da prática boêmia no bairro. Também foi dito que, por opção metodológica, o bar está em evidência na genealogia proposta para a boemia do bairro desde meados da década de 1990. Apesar disto, está presente na história de Santa Tereza desde suas origens. É pertinente retomar o trecho de Luís Góes:

Na ex-colônia Américo Werneck, que foi o princípio da formação do bairro, no final do século passado e princípio deste [séculos XIX e XX], existiram botequins que serviam a comunidade mas não podiam vender bebidas alcoólicas, pelo regulamento vigente na colônia. Depois vieram os pequenos comércios, na década de 1910, quando a região ainda não tinha ruas mas apenas estreitos caminhos e “picadas” no mato. Segundo regulamento das colônias, organizado pelo Governo do Estado, os colonos podiam manter casas de vendas para atender a comunidade de imigrantes mas não vendiam bebidas alcoólicas. (GÓES, 19--: p. 75)

Goés afirma ainda que na década de 1920 o comércio já estava bastante desenvolvido, principalmente nas Ruas Hermilo Alves e Mármore, que atualmente se mantêm como centralizadoras desse uso no bairro. Ele cita estabelecimentos variados, açougues, tinturarias e lenharias, destacando bares e botequins, dentre eles alguns que ficaram mais conhecidos, como o Armazém do Cardoso, a Venda do Jacó, Maria Macarrão; alguns que já se encontravam “mais para dentro do bairro”, como o Bar do Zé Inácio, o Armazém Montanhês, o Bar do Lopes e outros tantos.

Em levantamento relativo à década de 1930, ele nos apresenta uma listagem¹³ do comércio e dos serviços do bairro em 1937, que contava com 109 endereços comerciais. Quatorze deles eram bares, botequins ou restaurantes e havia ainda onze mercearias e treze armazéns¹⁴, somando cerca de um terço de estabelecimentos de secos e molhados dentre todos do bairro, que tradicionalmente reúnem os fregueses em momentos que ultrapassam o ato da compra de mercadorias.

¹² Lei Municipal nº 9.714 de 25 de junho de 2009. Fonte: Diário Oficial do Município – DOM – 25 de junho de 2009. Ano XV, Edição n. 3366, Câmara Municipal de Belo Horizonte. Poder Legislativo. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal – Capital Mundial dos Botecos.

¹³ Ver GÓES, 19--., p. 31 e 32, para ver a lista completa.

¹⁴ É interessante notar como as mercearias e armazéns funcionam como ponto de encontro, muitas vezes espontâneo, para “tomar uma ou duas cervejinhas no fim do dia, relaxar depois do trabalho”. (Góes, entrevista, 2016). Eles representam um tipo de comércio bastante tradicional, presente ainda nos bairros mais antigos e residenciais, atendendo à demanda de consumo da comunidade local com a venda de produtos alimentícios, de limpeza, higiene pessoal e materiais para serviços diversos.

Tais hábitos de sociabilidade em torno de mesas e balcões de comidas e bebidas geralmente são caracterizados como boêmios e são marcantes em Santa Tereza.

Ao longo das décadas, bares e restaurantes encerraram suas atividades, trocaram de nome, outros tantos foram inaugurados, substituídos ou reformados, revelando um traço da trajetória do bairro. Para Góes, a “comodidade dos moradores de ter um bar ao lado de casa” (GÓES, 19--., p. 75) é um dos motivos pelo qual essa prática se manteve em Santa Tereza desde seu surgimento.

Atualmente, há cerca de sessenta estabelecimentos em Santa Tereza que denotam as práticas sócio-espaciais urbanas ditas como boêmias, número que caracteriza uma territorialidade com intensa sociabilidade noturna em Belo Horizonte. Para fazer o mapeamento e listagem desses locais foi essencial a observação do bairro após as 18h em todos os dias da semana.

A fronteira do que seria o bar é (...) tênue, pois os estabelecimentos comerciais assim chamados também possuem características de café, restaurante, casa de bebidas, bares chiques, botequins, mercearia. Defini-lo, talvez, não seja o mais importante, pois o que se deve ressaltar é o seu papel social. Entretanto, cabe assinalar sobre que tipo de estabelecimento se está falando (...). (FERREIRA, 2000: p. 30)

Foram incluídos bares, botecos, restaurantes, mercearias e armazéns que abrem ou permanecem abertos após as 18h e que, além da venda, houvesse o consumo de bebidas alcoólicas pelo cliente no próprio estabelecimento ou na calçada em frente a ele. Abaixo, mapa e listagem com endereços e nomes desses estabelecimentos em funcionamento no bairro Santa Tereza até fevereiro de 2016:

Rua Hermilo Alves 94 – Churrasquinho's

Rua Bueno Brandão, 352 – Valência Cervejaria e Espetos

Odilícia

Rua Cristal, 147 – Mirante 147

Rua Mármore, 15 – Posto Ipiranga

Rua Mármore, 29 – Mercearia Colombo

Rua Mármore, 30 – Câmara dos Incomuns

Rua Mármore, 34 – Espeton's

Rua Mármore, 121 – Mister Pança

Rua Mármore, 176 – Mercearia Lacerda

Rua Mármore, 169 – Bar do Javé (Gatão e Cia.)

Rua Mármore, 181 – ?

Rua Mármore, 224 – Marmoretto

Rua Mármore, 373 – Clube Mineiro da Cachaça

Rua Mármore, 365 – Choperia Santa Tereza (fechado)

Rua Mármore, 383 – 815 Botequim

Rua Mármore, 418 – Armazém Cruzeiro

Praça Duque de Caxias, 288 – Bolão, o Rei do Espaguete (verificar o endereço de todas as entradas)

Praça Duque de Caxias, 306 – Santa Praça

Rua Salinas, 178 – Liverpool Bar

Praça Duque de Caxias, 143, lj 5 – Santaboemia (Bar do Michel)

Praça Duque de Caxias, 120 – Mercearia Bicalho

Recanto da Seresta (sobreloja)

Praça Duque de Caxias, 39 – Petiskaldos

Praça Duque de Caxias, 15 – Mate-Mate Burguer

Praça Duque de Caxias, 5 – Bar Nascente

Rua Mármore, 558 – Sheridan

Rua Mármore, 600 – Diadorim Cultural

Caldo de Cana (?)

Rua Mármore, 593 – Armazém Santa Tereza

Rua Mármore, 689 – Bolão, o Rei do Espaguete
Rua Mármore, 626 – Felino's
Rua Mármore, 644 – Caçapa's
Rua Mármore, 750 – Desde 1999
Rua Mármore, 764 – Hashi
Rua Mármore, 825 – Bar do 1000ton
Rua Dores do Indaiá, 72 – La Crepe
Rua Dores do Indaiá, 96 – Bar Santê
Rua Dores do Indaiá, 96 – São Benedito Botequim
Rua Paraisópolis, 855A – Fundos da Floresta
Rua Paraisópolis, 802 – Comida Árabe
Rua Paraisópolis, 738 – Bar do Museu Clube da Esquina
Rua Conselheiro Rocha, 2627 – Copacabana Grelhados e Pizzas
Rua Alvinópolis, 460 – Bar do Orlando
Rua Dores do Indaiá, 399-409 – Estação Parada do Cardoso
Rua Silvianópolis, 452 – Santa Pizza
Rua Silvianópolis, 483 – Biroasca
Rua Silvianópolis, 197 – Bar da Gabi
Rua Perite, 187 – Bar Temático
Rua Silvianópolis, 74 – Empório Viação Cipó
Rua Alvinópolis, 122A – Old Bar
Rua Salinas, 2421 – Bitaca da Leste
Rua Paraisópolis, 550 – Bar Bocaiúva
Rua Quimberlita, 126 – Bar do Alemão
Rua Quimberlita, 201 – Otton Pizzaria
Rua Quimberlita, 205 – Estação Santê
Rua Bom Despacho, 2 – Espeto da Esquina
Rua Quimberlita, 246 - Bar Du Pedro
Rua Quimberlita, 254 – Bar da Lili
Rua Bocaiúva, 26 – Canto do Aristóteles (Bar da Rosa)
Rua Bocaiúva, 3 – Baianera Restaurante
Rua Tenente Vitorino, 269 (ou 248) – Bar do Walmir
Rua Tenente Freitas, 149 – In Casa Crepe e Burger
Rua Salinas, 2113 – Copa Beer

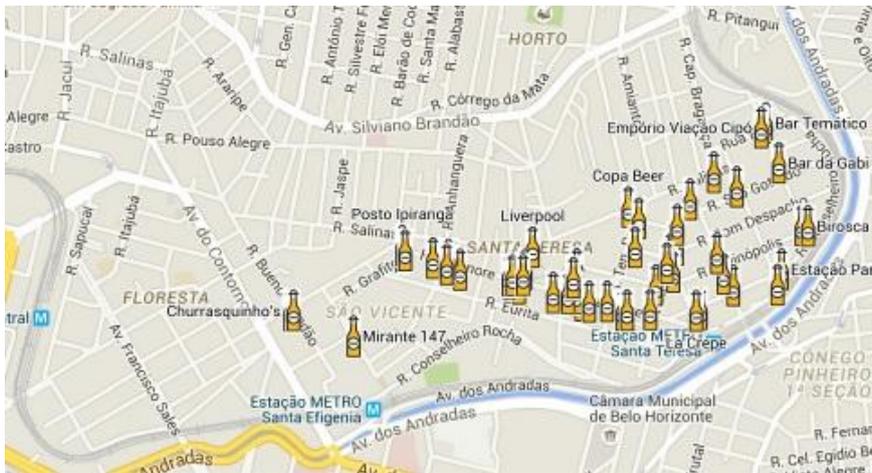


Figura 3- Croqui com localização dos bares de Santa Tereza. Produzido pela autora através de ferramenta do Google Maps, 2016.

Interlocutores da pesquisa vão ao encontro da afirmativa de que hoje os bares são os lugares da boemia do bairro Santa Tereza, como Walmir, proprietário do Bar do Walmir, Carlos Fortini, o Cacá, morador e músico e assíduo frequentador dos bares do bairro, e Carlos Alberto, também morador¹⁵. Eles consideram o bairro boêmio, ainda que a música não esteja tão presente, como afirmou Eliza. A seguir, trecho da entrevista realizada com os três:

Autora: O que vive saindo assim em jornal, reportagem, é que Santa Tereza é um bairro boêmio. Vocês consideram o bairro boêmio?

Walmir: Ah é, uai... é o bairro mais boêmio de Belo Horizonte hoje.

Autora: Hoje é, mas antes não?

Cacá: Era também, né!

Walmir: Acho que os bares hoje podem ficar abertos até mais tarde, tem muitos bares hoje que ficam abertos até de madrugada.

Cacá: Eles falam que Santa Tereza é um bairro boêmio porque antigamente tinha o Sobradão da Seresta o Solar da Seresta que era um do lado do outro. Porque o pessoal vinha pra dançar

Walmir: Bares de música. É... vinham dançar...

Cacá: Esses bares ficavam abertos até...

Carlos: o frequê levantara, ia lá, cantava...

Autora: Então era diferente do que é hoje? Hoje não tem tanto bar de música mais?

Cacá: Hoje a prefeitura não deixa, uai! Eu sou músico, eu posso falar, a prefeitura não deixa. Começa a tocar, chega e manda parar. (Walmir, Cacá e Carlos, entrevista)



Figura 4- Bar do Walmir. Google Street View, 2015.

¹⁵ Walmir Almeida, administrador, proprietário do Bar do Walmir em bairro Santa Tereza; Cacá Fortini, músico, morador do bairro há 30 anos; Carlos Alberto, aposentado, morador do bairro há 35 anos. Entrevista concedida em outubro de 2010.

Cacá ressalta que a imagem de bairro boêmio vem da época em que havia as duas casas de seresta no bairro, como elucidado anteriormente, e durante a entrevista os três interlocutores deixam claro que a boemia hoje está relacionada à quantidade de bares que existem em Santa Tereza e seu extenso horário de funcionamento, diferente do que acontecia nas décadas de 1960 a 1990.

Após citar o Bar do Orlando (Rua Alvinópolis, 460) como o mais antigo do bairro – quiçá da cidade! – e que antes funcionava como armazém, além de outros estabelecimentos do mesmo tipo, os interlocutores discorrem sobre os bares atualmente.

Walmir: A noite no Santa Tereza existia só o Bolão. Ficava aberto só o Bolão.

Carlos: Igual eu te falei, os outros botecos era dez e meia, onze horas [da noite]...

Walmir: Tudo fechava antigamente. Só o único bar que ficava aberto... Virava a noite era o Bar do Bolão. Não tinha... em Belo Horizonte eram muito poucos... era o Bar do Bolão, o Hi Fi [fora do bairro]... era pouquíssimo, era uns três ou quatro bares. Tinha não...

Carlos: Era pouco bar que virava...

Walmir: Bar tudo fechava cedo.

Cacá: Aqui em Santa Tereza era só Bolão que era 24 horas.

Walmir: Essa coisa de boteco ficar aberto até mais tarde, isso tem ...

Carlos: Uns 10 anos...

Walmir: É... pouco tempo pra cá...

Carlos: 10, 12 anos...

Autora: Mas como que eram então os bares? Eles existiam, mas era mais cedo?

Walmir: Existia menos, também! Não era essa quantidade de bar não... Hoje deve ter mais de 70 bares em Santa Tereza!

Carlos: Só nesse pedacinho aqui desse quarteirão aqui ó...

Walmir: Teve uma época que tinha 14! Só nessa rua aqui tinha 14! Nessa rua tinha 14. [muito enfático] Quatro quarteirões.

Carlos: (Risada) É trem de doido... (Walmir, Cacá e Carlos, entrevista)

Orlandinho¹⁶, morador de Santa Tereza, funcionário e filho do proprietário do Bar do Orlando, também compartilha da opinião dos vizinhos de bairro:

Autora: você falou antes que aqui, o bairro, é boêmio. Você acha que o bairro é boêmio mesmo?

Orlandinho: Ah... é sim! Tem uma quantidade boa de bares, né? Com isso tem a procura do público de vir pra cá por causa do bairro ser tão boêmio, tão procurado por causa dos bares que não são aqueles tradicionais... é... aqueles bares que você vê em outros lugares que você tem que ficar, ah, muito preso, muito sentado... Santa Tereza é mais livre, você pode passear na rua, ficar em pé tomando sua cerveja, senta no banco de uma praça e fica tranquilo. (Orlandinho, entrevista)

Houve também um aumento da procura dos bares do bairro por pessoas que não moram em Santa Tereza, por “pessoas de fora”. Segundo Orlandinho:

Eu fui criado aqui, né, bem antes de eu trabalhara aqui eu já ficava atrás do balcão com meu pai. Antigamente era mais o povo daqui do bairro. Então, vamos pôr os 10 anos que eu trabalho aqui, meu pai tem 35. 25 anos sempre foi o público mais de casa, mais daqui. Aí a partir desses 10 anos últimos, o público foi crescendo mais de fora. O povo foi conhecendo e foi o que eu disse, o bairro Santa Tereza ficou mais visado. (...) O povo vê uma portinha e tá fazendo bar, continua abrindo bares ainda. (Orlandinho, entrevista)

Quando afirma que os bares de Santa Tereza não são “aqueles bares tradicionais”, Orlandinho se refere aos bares ao estilo paulista mencionados por Regina Helena Alves Silva (2007), com presença mais marcante em Belo Horizonte no bairro de Lourdes.

É justamente o contrário da representação mais popular de bar tradicional, que seria aquele de ambiente mais informal, que servem bebidas e comidas direto do balcão, muitos clientes ficam de pé ou em mesas altas e improvisadas, ocupando a calçada e até mesmo o espaço das praças. Esse é estilo do próprio Bar do Orlando e outros estabelecimentos de Santa Tereza.

¹⁶ Orlandinho, morador de Santa Tereza, funcionário e filho do proprietário do Bar do Orlando. Entrevista concedida em janeiro de 2016.



Figura 5- Bar do Orlando. Acervo pessoal, fevereiro de 2016.

REFERÊNCIAS

- AUTÊNTICA EDITORA (org.). Comida de Buteco: Os 41 butecos de 2007. Belo Horizonte: Autêntica, 2007
- CARVALHO, J. Mesquita de. Boêmia “Bohemia” IN Dicionário prático da língua nacional. Rio de Janeiro: 1957.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. “Boêmio” IN Dicionário Etimológico da língua portuguesa. 4ª edição revisada e atualizada de acordo com a nova ortografia. Rio de Janeiro: 2010.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. “Boemia”; “Boêmia”; “Boêmio”. IN Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: 1986.
- FERREIRA, Rodrigo de Almeida; STEFANI, Eliana Fonseca. A história brinda: os bares do Edifício Archângelo Maletta como espaço de discussão política e de sociabilidade na cidade de Belo Horizonte (1964-1998). 2000. Belo Horizonte: Projeto de pesquisa de Iniciação Científica, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2000.
- FROTA, Maria Guiomar da Cunha; NEVES, Reinaldo; outros. Entrevista concedida por João Pinheiro (Barbarella) sobre a vida noturna no bairro Santa Tereza, Belo Horizonte. Belo Horizonte, junho de 1990.
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Belo Horizonte & o comércio: 100 anos de história. Fundação João Pinheiro. Centro de Estudos Históricos e Culturais. Belo Horizonte, 1997.
- GÓES, Luis. BAIRO DE SANTA TERESA: Formação e História 1900 a 1960. Belo Horizonte: O autor, 19--.
- GÓES, Luis. Bairro de Santa Tereza, 100 anos. Belo Horizonte: ed. Luis Góes, 1998.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. “Boemia”; “Boêmia”; “Boêmio”. IN Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: 2001.
- MATOS, Maria Izilda S. de “Copacabana: cotidiano e boêmia” IN MATOS, Maria Izilda S. de e SOLLER, Maria Angélica (orgs.) O Imaginário em Debate. São Paulo: 1998.
- MELLO, Paulo Thiago; SABADELHE, Zé Octávio. Memória afetiva do botequim carioca. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- MOLAR, J. O.; SAAD, C. L. V. K. “Que boemia é essa e que boêmio é este? Reflexões sobre as representações do fazer cotidiano”. Revista Tempo, Espaço, Linguagem. Irati, v. 03, n. 01, 2012, 121-143.
- SALLES, José Bento Teixeira de. BH: A Cidade de Cada um – Rua da Bahia. Belo Horizonte: Conceito, 2005.
- SEIGEL, Jerrold. Paris Boêmia. Cultura, Política e os limites da vida burguesa. 1830-1930. Porto Alegre: L&PM, 1992.
- SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. “O sonho de uma petite Paris: os cafés no cotidiano da capital” IN DUTRA, Eliana de Freitas (org.) BH: Horizontes Históricos. Belo Horizonte: 1996.